O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: CONTEXTOS DO ENSINAR GEOGRAFIA NA ESCOLA

Igor de Araújo Pinheiro
Secretaria de Educação do Piauí e Maranhão (SEDUC)
E-mail: docenciando@gmail.com

Resumo:
O referido trabalho[1] constitui-se em um debate pautado nas questões tangenciais à Geografia Acadêmica e Escolar: a formação do pensamento geográfico. Assim, procuramos amplificar uma discussão de fundo teórico com potencial metodológico-operacional para o trabalho docente. Relativo à capacidade cognitiva para apreender a ordem espacial e sua busca de aprimorar o *modus operandi* do "fazer geográfico", debruçamo-nos na seguinte questão: como desenvolver o pensamento geográfico na escola da atualidade? Objetivou-se analisar como a ideia de pensamento geográfico está estruturada nas Geografias Acadêmica e Escolar; como também refletir os percursos para o desenvolvimento do pensamento geográfico na escola. O trabalho está alicerçado sob o viés da metodologia qualitativa, e à luz da bibliografia consultada foi realizado o levantamento, a leitura, a análise e a síntese de trabalhos relevantes da Geografia Acadêmica e Geografia Escolar, que permitiram operar as discussões que envolvem as discussões. A conclusão demonstrou haver forte ligação entre as ideias elaboradas sobre o pensamento geográfico, o que é, como se estrutura na ciência geográfica e sua manifestação na Geografia Escolar. O resultado evidencia uma forte unidade lógica de apropriação intelectual que compreende a produção e organização espacial dos sujeitos, em tal grau na esfera acadêmica e escolar da Geografia, julgando serem relevantes o fortalecimento de tais ideias para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia na escola.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Epistemologia da Geografia; Mediação didática; Práticas de Ensino.

Introdução

Um dos grandes desafios da Geografia Escolar (GE) brasileira na atualidade refere-se às questões que envolvem a qualidade do ensino desse componente curricular, no seio da Educação Básica. A relevância social da Geografia passa necessariamente por uma narrativa de compreensão da espacialidade das coisas, em razão do modo como as sociedades se relacionam com o meio e suas imbricações no espaço geográfico. Diante de um contexto educacional cada vez mais complexo e repleto de implicações sociais, cognitivas, emocionais, políticas etc., faz-

[1] Trabalho de pesquisa em andamento (2019-2023), desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás-UFG, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

se necessário considerar a lógica de que o ensino de Geografia não se pratica de maneira isolada, mas, contudo, alheio às necessidades imediatas do cotidiano das pessoas.

De posse dessa convicção inicial, ressaltamos o papel da Geografia vivida, concebida e praticada na escola, alicerçada em orientações metodológicas cada vez mais dinâmicas e abertas ao diálogo, porém, ainda muito desigual e composta por singularidades que deixaram sua marca através dos processos de ensino. Desse modo, indagamos qual o papel do ensino de Geografia na Educação Básica da atualidade? Como se faz na prática essa Geografia? O que vivenciamos nas salas de aula país afora é mesmo Geografia? Ou seria um conjunto de questões genéricas e abstratas que pouco ajudam a compreender as relações espaciais? Dessa forma, objetivou-se analisar como a ideia de pensamento geográfico está estruturado nas Geografias Acadêmica e Escolar; como também refletir os percursos para o desenvolvimento do pensamento geográfico na escola.

É nesse contexto que a referida pesquisa foi realizada, com base na modalidade da investigação qualitativa, procedida, a princípio, através de pesquisa bibliográfica que fundamentou teoricamente os principais eixos da análise. O regime de levantamento, leitura, análise e síntese da investigação bibliográfica permitiu operar as discussões que envolvem a construção teórica acerca do pensamento geográfico, nos âmbitos da Geografia Acadêmica e Geografia Escolar, alicerçadas em fortes contribuições dos trabalhos de Santos (2006; 2008), Moreira (2013), Gomes (2009; 2017), Cavalcanti (2014; 2019), Castellar (2011) Lopes (2010; 2015) e Vesentini (2018). A análise dos dados demonstrou haver forte ligação entre as ideias elaboradas sobre o pensamento geográfico, ou seja, sua estruturação na ciência geográfica e sua manifestação na Geografia Escolar. Isso nos permite pensar a unidade lógica da apropriação intelectual que compreende a produção e organização espacial dos sujeitos, em tal grau na esfera acadêmica e escolar da Geografia.

Partindo das inquietações iniciais supramencionadas, conduziremos as seções seguintes deste trabalho de modo a *pensar*, *ser* e *atuar* na Geografia Escolar, formulando de maneira clara e objetiva entendimentos acerca desse campo epistêmico que julgamos ser relevante para o ensino e a aprendizagem de Geografia na escola. Iniciaremos com a discussão da conjuntura da

Geografia Escolar brasileira e, conseguinte, avançaremos na teorização acerca do pensamento geográfico na esfera acadêmica e escolar da Geografia.

O papel do ensino de Geografia e os cenários contemporâneos da educação básica no Brasil: percursos paralelos e entrelaçados

O ponto de partida para discutirmos o papel do ensino de Geografia na Educação Básica está contido em pesquisas que tratam sobre a temática. As pesquisas no campo da GE, sejam elas produzidas no ambiente acadêmico das universidades, ou aquelas realizadas por professores e professoras da Educação Básica sem um vínculo direto e explícito com estas instituições, vêm ganhando cada vez mais espaço em eventos de magnitude nacional, como o Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG), Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) e Fórum Nacional NEPEG, para destacar alguns exemplos. Além disso, cabe realçar também o avanço dos cursos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, contemplando linhas de investigação em GE e outras denominações, que robustecem o panorama desses eventos, bem como o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema em voga.

A realização de eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, o lançamento de livros, publicação de trabalhos em Anais de eventos e revistas eletrônicas (periódicos), o registro e publicação na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) também têm garantido maior visibilidade à produção científica nacional na área do ensino e aprendizagem de Geografia. O resultado dessas investigações fomenta a discussão na seara da GE, o que tem suscitado reflexões acerca dos conhecimentos necessários para ser e atuar na Geografia praticada na escola.

Todavia, é pertinente reconhecer que o percurso dessa caminhada referente à organização de espaços de diálogos relativos à Geografia ensinada na escola, foi iniciada no Brasil nos anos 1980, baseado no esteio das pesquisas realizadas, tendo como tema central suas práticas de ensino e saberes docentes (CAVALCANTI, 2019; LOPES, 2015; VESENTINI, 2004). Conhecer os desafios das práticas dos professores nos espaços escolares incrementou o cenário das investigações dos conteúdos e conceitos geográficos, tendo em vista a construção de posicionamentos políticos emergentes à época, como o “Movimento de Renovação da

Geografia", denominado de Geografia Crítica. A ampliação dessas pesquisas ao longo dos últimos 40 anos criou um ponto de coesão – e por vezes tensão – entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar, contribuindo para alterar a imagem superficial e limitada de que não era possível conciliar o ato de ensinar com o de pesquisar em Geografia.

Desse modo, houve a progressiva instrumentalização teórica da ação didática do professor de Geografia. A GE se reconstruiu como campo epistêmico e passou a ressignificar as produções da ciência geográfica "[...] a partir de procedimentos específicos de investigação com aportes teóricos e metodológicos com linguagem próprias [...]" (SILVA, 2018, 166). Gradativamente, a "Geografia dos professores" (LACOSTE, 1989) assumiu a identidade das pesquisas envolvendo o ensino dessa disciplina, o que implicou na seleção das ferramentas de pesquisa para a análise, explicação e ensino da Geografia Escolar. Ou como versa Lestegás (2012, p. 25), seria "[...] uma explicação particular e original da escola que responde às finalidades sociais que lhe são próprias.".

Foi necessário, então, fortalecer a atitude do professor-pesquisador (SCHÖN, 1992) e estabelecer a pesquisa como um caráter formativo, de tal modo que ensino e pesquisa se tornassem indissociáveis. A partir dessa premissa, concordamos que a postura ativa na pesquisa com foco no ensino de Geografia é fundamental para a formação de um professor reflexivo, pois ajuda a "[...] promover maior clareza epistemológica e metodológica da ciência geográfica e de questões pedagógicas e didáticas caras à consolidação crítica do processo educativo como um todo, [...]" (SILVA; PINHEIRO, 2018, p. 169). Dentro desse contexto, é possível afirmar que o papel do ensino de Geografia na atualidade transcorre, substancialmente, através da investigação das problemáticas referentes à totalidade e complexidade dos processos de ensino e aprendizagem, concorrendo para fortalecer as práticas docentes.

A produção científica no campo da GE na atualidade busca relacionar as referências da Educação com a Geografia, o que tem dilatado a complexidade em suas produções (MARTINEZ, 2013). O movimento de produção dos debates teórico-metodológicos para ensinar Geografia avança e tem buscado romper com visões fragmentadas e estanques (LOPES, 2010), à procura de críticas e possíveis revisões temáticas, como é o caso das concepções de ensino envolvendo o pensamento espacial, os raciocínios geográficos e o pensamento geográfico (DUARTE, 2017;

LUZ NETO e LEITE, 2021; OLIVEIRA, 2022). É papel também do ensino de Geografia alargar a sua própria compreensão de educação, para fins de incorporação de outras demandas que extrapolam o conteúdo geográfico *stricto sensu*.

Cavalcanti (2014) expõe em seu pensamento o conjunto de desafios para o ensino de Geografia e para a escola, ao reconhecer professores e alunos em suas singularidades e diferenças, cujo saberes particulares a esta ciência estão associados aos conhecimentos da vida cotidiana, pressupondo a demanda por um ensino que abranja essa diversidade de saberes. Ou seja, entende-se que a escola é o campo de intervenção na vida dos sujeitos e o ensino de Geografia tem o propósito de estabelecer as aproximações entre as espacialidades e a existência dos alunos.

A composição mais atualizada da GE efetiva a compreensão de que o conhecimento espacial não se constrói de maneira isolada, mas sua ocorrência se efetiva em atos reflexivos sob influência dos processos de mediação didática que integram componentes pedagógicos, geográficos, linguísticos e cognitivos (CASTELLAR, 2011; COSTELLA, 2013). Crê-se que a base organizacional dessas atividades de aula, que conseguem integrar esses elementos, possa estrutura um "novo olhar", condicionando-o para a interpretação dos eventos espaciais na perspectiva geográfica, ou seja, na qualidade de *ser* da Geografia.

A ação de ensinar e mobilizar o pensamento geográfico na escola

O processo de ensino-aprendizagem de Geografia tem atribuição marcante na formação dos jovens escolares. Condicionado ao *corpus* teórico-metodológico da GE, entendemos ser contribuição central desse processo em sala de aula a atitude de mobilizar esforços por meio de objetivos, conteúdos, conceitos e metodologias, no sentido de ampliar a capacidade do aluno de pensar geograficamente, ou seja, de desenvolver pensamentos que conduzem à compreensão acerca da espacialidade de objetos e fenômenos, bem como a produção do seu conhecimento.

> Aprender a pensar se constitui numa estratégia [geográfica] para potencializar a competência cognitiva. São inúmeras as possibilidades, na prática pedagógica, de despertar o interesse dos alunos pelo conhecimento, mas, para isso, é

> necessário mobilizá-los, acompanhar e colaborar para que eles construam o conhecimento até chegar a elaborar e expressar a síntese do conhecimento. [...] (CACETE, 2015, p. 236).

Neste caso, o pensamento geográfico a ser desenvolvido na escola está assentado em uma concepção integrada de elaboração do conhecimento, produzido pelo aluno por meio de um sistema articulado de conceitos, linguagens e raciocínios sobre a realidade espacial-geográfica. A princípio, quando pensamos em algum fenômeno geográfico, automaticamente o pensamos organizado sob determinado espaço – escala territorial – e determinado recorte temporal. Assim, qualquer reflexão associada à observação da realidade espacial, partirá da premissa de que aquilo observado tem um sentido, um significado geográfico. Essa é a base de um pensamento operacionalizado pelo viés geográfico. E por que o aluno tem dificuldade de compreender o seu significado? Por que nós professores, repedidas vezes, nos "esquivamos" dessa discussão?

Vitte (2015), em um interessante esforço de buscar os mecanismos e princípios que moldaram a teorização geográfica, no período da revolução científica moderna (séculos XV-XVII), fala em pensamento geográfico como toda e qualquer tematização sobre o espaço, seja ele físico ou simbólico, precedente à institucionalização da Geografia ou ciência moderna. Neste caso, o autor reconhece haver "pensamento geográfico" antes mesmo de serem constituídas as bases teóricas dessa ciência. De nossa parte, achamos prudente ressaltar que a Geografia em pensamento não se produz livremente nas práticas cotidianas dos alunos sem auxílio de um profissional especializado, neste caso, o professor de Geografia (MOREIRA, 2013). O que pode ocorrer é o surgimento de uma experiência espacial fragmentada e deslocada da razão científica. Segundo Martins (2016) o pensamento geográfico é a organização mental das relações espaciais homem-meio, sob o respaldo dos princípios, conceitos e métodos próprios da Geografia. Portanto, dificilmente haverá desenvolvimento do pensamento geográfico divorciado da ciência geográfica!

Em vista disso, a Geografia em pensamento é ter para si a existência de um conteúdo capaz de apropriar a relação entre a sociedade e o seu meio. A questão é olhar para as relações promovidas pela sociedade com o meio e para o modo como eles se dão, onde elas ocorrem, de que modo se integram, como se especializam etc. (MARTINS, 2016). Em suma, estabelecer o

pensamento geográfico consiste em realizar a síntese de todos os elementos característicos da relação sociedade-meio. O caráter de síntese da Geografia se torna referência imediata para a produção do pensamento a respeito das relações espaciais, como bem nos indica Gomes (2009, p. 17):

> A geografia é uma ciência de síntese – a diferença da geografia das outras ciências é que ela integra todos os elementos na apreciação do lugar (espaço, região etc.). Em outras palavras, para conhecermos a forma de ser de um espaço é necessário conhecermos todos os elementos que estão presentes e contribuem na fisionomia daquele espaço. A geografia é assim definida como a ciência dos lugares [...].

Neste sentido, a Geografia apresenta o mundo em conjunto e isso determina uma maneira particular de ler o espaço; em relação ao mundo, torna-se viável pensá-lo de forma integrada e inter-relacionada. Conforme assevera Gomes (2017, p. 13), a Geografia "é uma forma de pensar. [...] ela é também uma maneira, original e potente, de organizar o pensamento [...]" e, tomada de forma abrangente, esta ciência é uma forma de estruturar o pensamento através de quadros que esquematizam as posições e relações entre os objetos espaciais.

É assim que as investigações do nosso campo epistemológico têm determinado a ideia de pensamento geográfico, no qual fenômenos e pessoas são orientados segundo uma lógica de raciocínio que integra a "ingênua" dispersão espacial, definindo o porquê de as coisas estarem onde estão (SANTOS, 2008; GOMES, 2017; CAVALCANTI, 2019). A interpretação dessa trama locacional é especificidade da ciência geográfica. Ela é relevante para o ordenamento espacial das relações sociedade-meio, como também para atribuição de sentidos e significados concernentes a essas relações. Assim, origina-se a ideia e se define o que seja pensamento geográfico: é a leitura do mundo e as ideias que formamos dele sob o prisma da Geografia. Quando escrevemos isto, estamos nos apoiando em Moreira (2013, p. 105):

> Tomamos a ideia pela realidade, a ideia da coisa pela coisa, confundindo a leitura com as próprias coisas [...]. são nossas ideias que formam o que chamamos de mundo e orientam nossas práticas. De o homem diferir dos outros animais pelo princípio da ideação. Antes mesmo de produzir um objeto o

> homem formula seu desenho na cabeça. E isso feito, produz exatamente o que ideou [...].

Assim, o pensamento atua a partir da leitura do mundo; comparando fenômenos por suas semelhanças e diferenças, localizando-os, descrevendo-os, agrupando-os por categorias de análise e, assim, produz o seu próprio conceito sobre o mundo. O pensamento geográfico colabora decisivamente para elucidar o espaço sem apelar para o simples, o banal e o doutrinário, ao permitir entendermos mais e melhor as contradições da realidade. Carlos (2019), por sua vez, escreve que a construção do pensamento geográfico não foi realizada de forma linear no interior da ciência geográfica, o que significa dizermos que nem toda a produção realizada por essa ciência seguiu o mesmo caminho.

Neste aspecto, é importante a contribuição dada à formulação de Santos (2006), que aponta um caminho profícuo sobre o qual se debruçou parte significativa da investigação da Geografia brasileira: a necessidade de construção metódica de um campo coerente de conhecimento. Então, como desenvolvemos o pensamento geográfico na escola? Iniciar esse processo a partir de perguntas "geográficas" (onde? Por que aí? E por aí vai...) ajuda a formar capacidades intelectuais nos alunos, de forma que eles compreendam melhor a espacialização das relações homem-meio? Ambas as questões nos direcionam para o destaque apontado por Cavalcanti (2019), acerca da meta da produção de pensamentos geográficos para a GE, distinguindo o foco da produção da Geografia Acadêmica, a qual seja:

> [...] Para a Geografia Acadêmica, o foco é a produção [de pensamento geográfico], por especialistas, de conhecimentos sistemáticos, metódicos, consistentemente vinculados a um ramo particular do saber. Para a Geografia Escolar, a meta é a produção, por pessoas comuns, sobretudo crianças e jovens, para a participação na vida social com qualidade, consciência e responsabilidade cidadãs. [...] (CAVALCANTI, 2019, p. 86-87).

O ensino de Geografia na Educação Básica, com vistas à produção do pensamento geográfico, valoriza a configuração das situações de ensino orientada para o trabalho com as capacidades e habilidades intelectuais do aluno. Em pesquisa recente, Santos (2020) verificou a inoperância com o pensamento geográfico, por parte de alguns professores de Geografia,

atribuindo fragilidades à formação inicial desses docentes, o que resultou na incapacidade de abordar o conteúdo escolar numa perspectiva geográfica. Nesse contexto, o ensino de Geografia defendido aqui é aquele capaz de planejar e elaborar caminhos para a lógica do desenvolvimento do pensamento geográfico na prática, ao defender a permanência das categorias de análise e conceitos correlatos da Geografia, a utilização permanente dos princípios, raciocínios e das linguagens que darão suporte material e simbólico às práticas desempenhadas em sala de aula. Esse corpo sistemático e complexo se torna indispensável à produção do pensamento geográfico na escola, como também à formação da noção de cidadania.

Considerações finais

À luz da bibliografia explorada, o conteúdo escolar de Geografia e o pensamento a ser desenvolvidos serão mobilizados para dar condições de superação dessas dificuldades, logo se tornam procedimentos para aprender Geografia e, assim, possibilidade para a superação de outros problemas espaciais cotidianos. O pensamento geográfico é movimento contínuo, é dinâmico e resulta do conjunto de habilidades da análise espacial. Com base neste ponto, faz-se necessário e urgente avançar nas investigações e intervenções didáticas que apresentam procedimentos metodológicos com vistas ao desenvolvimento do pensamento geográfico, ao considerar a prática desse conhecimento para abordar questões espaciais peculiares à vida dos sujeitos.

Entendemos que a ampliação das investigações e debates envolvendo a produção de conhecimentos sobre a formação do pensamento geográfico, produzidos pela Geografia Acadêmica e Geografia Escolar, seja um caminho profícuo para viabilizar **a)** as reflexões teóricas sobre o assunto; **b)** a elaboração de itinerários formativos (inicial e continuado) de base epistemológica consistente; como também, **c)** a construção de percursos metodológicos que garantam o pleno desenvolvimento das habilidades cognitivas dos sujeitos, capazes de auxiliá-los em suas práticas espaciais cotidianas e na operação de um tipo de pensamento que esteja articulado à natureza teórica, conceitual e metodológica da Geografia.

Referências

CACETE, Núria N. O ensino de geografia: temas e importância social. In: HARACENKO, Adélia A. S. et al. (org.). **Geografia:** temas e reflexões. Maringá: Eduem, 2015. p. 233-238.

CARLOS, Ana F. A. Uma geografia do espaço. In: CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de Cássia A (org.). **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 15-28.

CASTELLAR, Sônia. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, Rosângela D. **Novos rumos da cartografia escolar**: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-136.

CAVALCANTI, Lana de S. A metrópole em foco no ensino de Geografia: o que/ para que/ para quem ensinar? In: PAULA, F. M. A. [et al] (org.). **Ensino de Geografia e metrópole.** Goiânia: América, 2014. p. 27-41.

_____. **Pensar pela geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

COSTELLA, Roselane Z. Movimentos para (não) das aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (org.). **Movimentos no ensinar geografía**, Porto Alegre: Imprensa libre, 2013. p. 63-74.

DUARTE, Ronaldo G. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos na educação básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 187-206, jan./jun., 2017.

GOMES, Paulo C. C. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F. et al. (org.). **Espaço e tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMADAN, 2009. p. 13-30.

_____. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução de Maria Cecília França. 2. ed. Campinas, SP: Papirus. 1989.

LESTEGÁS, Francisco R. A construção do conhecimento geográfico escolar: do modo transpositivo à consideração disciplinar da Geografia. In: CASTELLAR, Sônia M. V; MUNHOZ, Gislaine. B. (org.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 13-27

LOPES, Claudivan S. Processos de formação e de desenvolvimento da profissionalidade do professor de geografia: a contribuição das pesquisas sobre os saberes docentes. In: HARACENKO, Adélia A. S. et al. (org.). **Geografia:** temas e reflexões. Maringá: Eduem, 2015. p. 261-273.

_____. **O professor de Geografia e os saberes profissionais:** o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade. 258 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

LUZ NETO, Daniel R. S; LEITE, Cristina M. Elementos constituintes do raciocínio geográfico: uma discussão teórica para a educação básica. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, v. 3, 2021. p. 1-17.

MARTINEZ, César A. F. Curricularizando os espaços entre a escola e a cidade. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (org.). **Movimentos no ensinar geografía**, Porto Alegre: Imprensa libre, 2013. p. 95-112.

MARTINS, Elvio R. O pensamento geográfico é geografia em pensamento? **GEOgraphia,** ano. 18, n. 37, 2016. p. 61-79.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Lidiane B. **A aula expositiva de Geografia**: caminhos possíveis para a construção do pensamento geográfico na escola. 284 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SANTOS, Luline S. C. **Pensamento geográfico**: o desafio da formação inicial em geografia. 210 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EdUSP, 2008.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 79-91.

SILVA, Francisco C. R. “Diferentes Geografias” na constituição da geografia escolar. In: OLIVEIRA, Stanley B.; COSTA SOBRINHO, Werton F. R (org.). **Ensino de Geografia**: teorias e práticas. Teresina: FAM, 2018. p. 198-221.

SILVA, Francisco E. S.; PINHEIRO, Jaqueline. Geografia acadêmica e geografia escolar: a pesquisa como ponto de coesão. In: OLIVEIRA, Stanley B.; COSTA SOBRINHO, Werton F. R (org.). **Ensino de Geografia**: teorias e práticas. Teresina: FAM, 2018. p. 164-177.

VESENTINI, José W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana F. A (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 14-33.

VITTE, Antonio C. A Geografia da revolução científica moderna: uma introdução. In: HARACENKO, Adélia A. S. et al. (org.). **Geografia:** temas e reflexões. Maringá: Eduem, 2015. p. 49-72.